

A amizade no IV Evangelho a partir de Jo 15,12-17

The friendship in the Fourth Gospel from John 15,12-17

Henrique Ávila de Souza
Kaio Vinicius Giertyas
Walín José de Paula

Resumo

Durante a celebração da páscoa, Jesus reuniu-se com seus apóstolos para a última ceia em seus últimos momentos e lhes deu um importante mandamento: “amai-vos como eu vos amei” (Jo 15,12). O presente artigo faz uma análise sobre o conceito de “amizade” empregado por Jesus em seu mandamento de amor aos apóstolos na última ceia, antes de sua prisão e julgamento, conforme está escrito no Quarto Evangelho, a partir de Jo 15,12-17. Esta reflexão perpassa a concepção semita de “amizade”. A seguir, faz-se uma análise retórica do texto, visando esclarecimentos acerca do sentido apresentado. Também trata da importância da amizade no vínculo entre Cristo e seus discípulos. Por último, discorre-se sobre a implicação de “amizade” nas relações entre os cristãos. Para alcançar esses objetivos, fez-se uma análise bibliográfica qualitativa. Evidencia-se que o mandamento de Jesus aperfeiçoa a lei judaica já conhecida, dando-lhe maior intensidade. Os discípulos são convidados a ultrapassar o amor de autopreservação, chegando ao extremo da morte. Por fim, constata-se a necessidade do amor para a vida em comunidade.

Palavras-chave: Evangelho de João, Amizade, Amigo, Servo, Teologia.

Abstract

During the celebration of Easter, Jesus gathered with his apostles for the Last Supper in his final moments and gave them an important commandment: “love one another as I have loved you” (John 15,12). This article provides an analysis of the concept of “friendship” as employed by Jesus in his commandment of love to the apostles at the Last Supper, before his arrest and trial, as recorded in the Fourth Gospel, from John 15,12-17. This reflection explores the Semitic conception of “friendship.” Next, a rhetorical analysis of the text is conducted, in order to clarify the meaning presented. It also deals with the importance of “friendship” in the bond between Christ and his disciples. Finally, the implications of friendship in relationships between Christians

are discussed. To achieve these objectives, a qualitative bibliographic analysis was conducted. It is evident that Jesus' commandment perfects the already known Jewish law, giving it greater intensity. The disciples are invited to go beyond self-preservation love, to the extreme of death. Finally, the need for love for community life is found.

Keywords: Gospel of John, Friendship, Friend, Servant, Theology.

Introdução

O tema da amizade é alvo de estudos desde a Antiguidade. Entre os semitas, a religião era o catalisador de todas as dimensões da vida, incluindo a interpessoal. Assim, enquanto para outros povos, a amizade se orientava pelo plano horizontal, para Israel estava imersa na letra da Lei. O povo eleito da primeira aliança conheceu os mandamentos do Senhor, relativos ao amor ao próximo, como se nota em Lv 19,18. Por sua vez, no advento do cristianismo, percebeu-se um movimento de virada a partir do Evangelho de João, com o mandamento de Cristo. O desígnio e exemplo extremo de Jesus criou um afastamento da mentalidade corrente em relação ao que é a amizade. Faz-se necessário entender como Jo 15,12-17 se distancia da prática intersubjetiva corrente entre romanos e judeus, ao mesmo tempo em que, paradoxalmente, mantém-se em relação com a Lei mosaica e bebe da influência semântica grega.

Neste trabalho, fez-se uma pesquisa sobre a amizade indicada por Cristo como mandamento, quando disse: “amai-vos uns aos outros como eu vos ame”. Propõe-se, então, refletir sobre esta perícope a partir do uso da semântica da palavra e seu significado histórico. São perpassadas as diferentes expressões de amizade entre os judeus, desde os primórdios, numa tentativa de rastrear qual teria sido a compreensão primeira dos apóstolos sobre o desígnio do mestre, e quais as inferências dessa mentalidade no contexto das primeiras comunidades, fundadas por eles, de maneira universal.

Através da análise retórica, percebe-se, no Evangelho joanino, um eixo de articulação entre amizade entre os discípulos e o desígnio divino em continuidade. Compreender esse movimento é fundamental para a formação de uma intersubjetividade coletiva consistente para a atualidade. Assim, para atingir os resultados propostos nesta pesquisa, fez-se uso de levantamento bibliográfico qualitativo. Por meio deste processo, almejou-se compreender qual a noção primeira dos apóstolos, homens semitas, sobre amizade. Num segundo momento, o texto foi analisado semanticamente com auxílio do método retórico, examinando a narrativa bíblica da perícope e do contexto no qual ocorreu o diálogo. A seguir, ponderou-se sobre quais teriam sido as mudanças subsequentes do desígnio de Jesus na relação de amizade entre os discípulos. Por fim, discorreu-se sobre essas implicações na vida em comunidade.

1. A concepção semita de amizade

A amizade, desde a Antiguidade, é considerada uma relação preciosa, baseada na afeição e dedicação mútua. No judaísmo, o amor a Deus é expresso pela observância da lei.¹ Dessa forma, para o semita, sua parte divina será proporcional à sua fidelidade à Torá. Ou seja, o homem pode

¹ HERTZBERG, A., Judaísmo, p. 54.

tornar-se mal e ser menos parecido com Deus, através das práticas religiosas. Assim, é nesse quadro que se desenvolvem as expressões de amizade observadas no tempo bíblico.

A tradição rabinica “nomeia explicitamente a esfera do interpessoal com a expressão *ben adam le-havero*, que significa, literalmente, “entre uma pessoa e seu próximo”.² Nela, estão implicadas certas obrigações éticas e legais para com o semelhante.³ As expressões de amizade semita tinham por base passagens como Lv 19,18: “Não te vingará e não guardarás rancor contra os filhos do teu povo. Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Eu sou *Iahweh*”. A sentença “Eu sou *Iahweh*”, colocada em sequência do mandamento de amor, foi interpretada na tradição de modo que dois indivíduos são vistos como partes iguais, pois o outro é como “tu”, uma vez que foram esculpidos da mesma forma por *Iahweh*.⁴ Assim, cuidar do outro é como cuidar de si mesmo.

A tradição judaica sempre se refere, no campo das relações interpessoais, à família.⁵ Talvez isso se dê porque, para os semitas, era prioritário a resolução dos conflitos internos. Desse modo, eram feitas muitas prescrições regulamentares, mas sempre em referência a quem era mais próximo. Dessa forma, torna-se claro porque, mais tarde, quando o *Pirkei Avot* 1:6 foi escrito, os judeus procuravam um amigo entre os parentes próximos, este tratado da *Mishná* determina que se “estabeleça para ti um mestre e adquira para ti um amigo”.⁶ Essa prática de amizade se concretizava por meio de práticas de camaradagem diária.⁷ Isso significa que os judeus visitavam as casas uns dos outros; compartilhavam as mesmas refeições; compareciam mutuamente a festas; também se assistiam na doença e no luto como expressões de amizade. Assim, os amigos se apoiavam de todas as maneiras, sempre ligados por laços familiares.

A prática religiosa era um fator determinante nas relações de amizade no judaísmo. No entanto, segundo esclarece Gottstein, em seu artigo online, não há um único tratado judaico sobre amizade propriamente dita.⁸ Para o autor, a escassez de material se dá em parte porque “o tema da amizade parece ter uma posição baixa nos valores rabinicos”.⁹ Entender essa aparente negligência requer o entendimento do conceito de amizade no judaísmo, bem expresso no *Pirkei Avot* 1:6, que coloca a necessidade de se ter um amigo logo depois da necessidade de se acatar um professor.¹⁰ Para Gottstein, essa justaposição sugere uma concepção instrumental de amizade. O amigo tem a função continuada do professor no âmbito pessoal. A razão disso é que, para o israelita, tudo que fizer na vida, todo o seu ser, deve rumar para Deus.¹¹ O amigo, então, deveria ser instrumento para esta caminhada, facilitando o crescimento espiritual pelo conhecimento da Torá. Nota-se, então, uma relação de interesse particular religioso no outro. Assim, diferente do

² FINE, L., Studying friendship in jewish history, religion, and culture, p. 3.

³ HERTZBERG, A., Judaísmo, p. 83.

⁴ GOTTSTEIN, A. G., Understanding jewish friendship, extending friendship beyond judaism, sem p.

⁵ FINE, L., Studying friendship in jewish history, religion, and culture, p. 4.

⁶ PIRKEI AVOT 1:6. Disponível em: <https://www.sefaria.org/Pirkei_Avot.1?lang=bi>. Acesso em: 7 set 2023.

⁷ FINE, L., Studying friendship in jewish history, religion, and culture, p. 12.

⁸ GOTTSTEIN, A. G., Understanding jewish friendship, extending friendship beyond judaism, sem p.

⁹ GOTTSTEIN, A. G., Understanding jewish friendship, extending friendship beyond judaism, sem p.

¹⁰ PIRKEI AVOT 1:6. Disponível em: <https://www.sefaria.org/Pirkei_Avot.1?lang=bi>. Acesso em: 7 set 2023.

¹¹ GOTTSTEIN, A. G., Understanding jewish friendship, extending friendship beyond judaism, sem p.

cristianismo, que herda a tradição grega, o amigo não é uma expressão da plenitude do *telos*, mas um meio para se chegar a ele.

A prática da amizade na antiga Israel, além de instrumental e encarada de modo prático, padecia de outra limitação: era prerrogativa masculina.¹² Certamente que as mulheres se relacionavam entre si e com outros homens, mas, formalmente, as prescrições se direcionavam para o público masculino, pois a relação de amizade começava com o estudo conjunto da Torá, atividade restrita aos homens. Além disso, obviamente, o homem israelita tratava disso com outro israelita. Assim, o conceito de amizade se desenvolvia num plano ético, excludente de outras etnias.

Percebe-se como a amizade, na tradição semita, se mostra como um tema que gravita em torno do crescimento na fé. Evidentemente que esta não é uma constatação da doutrina em si, mas do estado que se encontrava a Israel do tempo bíblico, quer isso esteja de acordo com a Lei ou não. Necessário se faz ponderar que existem evidências que apontam outra perspectiva, como verificado pelo *gemilut hasadim*, expressão hebraica para atos de bondade gratuita. Assim, embora a cultura judaica estivesse enraizada em costumes hierárquicos, ligados à família, havia preocupação com o bem-estar do outro. Tal postura era, de fato, devidamente fundada na tradição, como atestam os testamentos dos doze patriarcas, a regra áurea de Hillel e o Livro dos Jubileus.¹³ Entretanto, é necessário entender, por fim, que a prática se distanciou ligeiramente do ensinamento desde tempos antigos.

2. Exemplos de amizade no Antigo Testamento

Após explorar a concepção semita de amizade e suas raízes na tradição judaica, é relevante examinar como esses princípios se manifestam na prática, por meio de exemplos notáveis no Antigo Testamento. Algumas figuras se destacam como modelos principais, tais como Abraão, Moisés, Davi e Jônatas. Esses exemplos ilustram a importância da amizade, da relação entre Deus e a humanidade e entre os próprios seres humanos.

No Antigo Testamento, Deus propõe uma aliança à humanidade ao se revelar, convidando cada ser humano a cultivar uma relação de intimidade com Ele, que atinge seu ápice na manifestação de Jesus Cristo. A palavra “aliança” denota um acordo ritual solene, funcionando como um contrato escrito, no qual as partes se comprometem, com condições pré-estabelecidas, a estabelecer uma relação de proteção e segurança.¹⁴ Ao selar a aliança, através de um sacrifício ritual, criavam um vínculo semelhante ao parentesco, garantindo desde a proteção da vida até uma conexão íntima. A quebra da aliança resultava em sérias consequências para a parte infiel.

2.1 Abraão, o amigo de Deus

Abraão é considerado um dos patriarcas do povo judeu e também um dos personagens mais importantes do Antigo Testamento. Ele é um exemplo de fé e de intimidade com Deus. A sua amizade com o Senhor é tão profunda que as Escrituras o chamam de “amigo de Deus” (2Cr

¹² FINE, L., Studying friendship in jewish history, religion, and culture, p. 5.

¹³ SANDRO, R., Os testamentos dos doze patriarcas. CHARLES, R. H., O livro dos jubileus. DAVIDSON, W., Shabbat 31a.

¹⁴ MCKENZIE, J. L., Aliança, p. 24-27; BAUER, J. B., Aliança, p. 28-36.

20,7; Is 41,8; Dn 3,35; Tg 2,23).¹⁵ Essa amizade é um exemplo da natureza do relacionamento do ser humano com Deus, que foi construída com base na fé, na confiança e na fidelidade.

O chamado de Abraão marca o início de sua relação com Deus: “Iahweh disse a Abrão: Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que te mostrarei. Eu farei de ti um grande povo, eu te abençoarei, engrandecerei teu nome; sê uma bênção!” (Gn 12,1-2). A ordem proferida mostra a iniciativa de Deus, que escolheu Abraão para fazer parte de seus desígnios. A eleição é confirmada mediante a promessa que se segue, e que tem a função de dar estabilidade para o agir humano, como condição de continuidade e durabilidade da relação.¹⁶ A promessa é um elemento que contribui para a construção da confiança na outra pessoa, que é mais propensa a responder de forma positiva à interpelação. Resposta que exigia renúncia de toda a riqueza de Abraão.

A demanda do relacionamento divino é que se abandone a história pessoal em favor de aceitar e adotar a história universal projetada por Deus. Precisamente, é isso que o texto sugere: Abraão estava sendo chamado a renunciar às suas posses para, paradoxalmente, receber de Deus aquilo que ele anteriormente havia deixado, ou seja, a terra e uma descendência. Revela-se, portanto, que a palavra que ele escutou tem uma realidade mais significativa para ele do que um objeto palpável.¹⁷

Após sua experiência, se confiou a Deus e se colocou a caminho. Sem morada fixa em canto algum, tendo apenas o céu como seu companheiro, não havia espaço para confiança nos deuses locais, diferentes em cada cultura, mas apenas no Deus, a quem todos os países pertencem – aquele que permaneceu ao seu lado, como amigo, ao longo de sua jornada.¹⁸ Pode-se dizer que Abraão tornou-se apátrida, e que, porém, encontrou sua pátria na certeza de sua fé (Hb 11,8-9). Pode-se dizer que Abraão tornou-se apátrida, e que, porém, encontrou sua pátria na certeza de sua fé (Hb 11,8-9). A fé não torna as pessoas passivas, mas as põe em movimento, traz consigo a responsabilidade de construir um futuro melhor, no horizonte da esperança. Propõe “um drama existencial, tecido na incerteza e no sofrimento de uma promessa que já é, mas não ainda”, um convite ao amadurecimento dessa mesma fé.¹⁹

A obediência da fé de Abraão instaura o sistema da aliança, que faz de Deus o centro de sua história, e que comunica à sua descendência a participação nessa relação (Gn 17,1-27). Essa participação era expressa observando os preceitos do ritual da aliança (a circuncisão), mas, para além do sinal físico, através da fé, cada ser humano pode alcançar, trilhando o mesmo caminho que o patriarca, a amizade de Deus.

2.2 Moisés e Deus: uma amizade profunda

Outra figura de destaque em sua relação com Deus é Moisés. Nascido no Egito, descendente da casa de Levi, foi lançado ao rio num cesto de junco e encontrado pela filha de faraó, que lhe adotou e lhe colocou sob os cuidados de uma ama hebreia (Ex 2,1-10). O autor sagrado não indica maiores detalhes que envolveram seu nascimento e infância, segundo

¹⁵ AVIZ, D. A., “Não mais servos, mas amigos” (Jo 15,15), p. 32.

¹⁶ JUNGES, J. R., *Evento Cristo e ação humana*, p. 83.

¹⁷ RATZINGER, J., *Fe y futuro*, p. 30.

¹⁸ RATZINGER, J., *Fe y futuro*, p. 31.

¹⁹ AVIZ, D. A., “Não mais servos, mas amigos” (Jo 15,15), p. 34.

se crê, Moisés tenha sido educado nas ciências dos egípcios, era habilidoso com as palavras e obras (At 7,22).

Já homem, Moisés saiu para verificar a situação de seus irmãos e deparou-se com um egípcio agredindo um hebreu, o que o levou a matá-lo e esconder o corpo na areia (Ex 2,11-12). O ato enérgico de Moisés demonstra sua indignação diante da injustiça e revela seu profundo amor pelo povo hebreu. O ato não foi resultado de uma ira incontrolável, pois, antes de golpear, ele olhou de um lado e de outro e, como não havia ninguém, matou o egípcio, assumindo, assim, o papel de libertador.²⁰ Após a descoberta do incidente, e percebendo que sua vida estava em perigo, ele escolheu fugir para preservá-la, embora, teoricamente, seu prestígio entre os egípcios pudesse garantir sua absolvição, uma vez que a vítima não possuía destaque social (Ex 2,13-15).²¹ Esse fato pode ser entendido como prefiguração de sua vocação.

Seu chamado ocorre na teofania da sarça ardente (Ex 3,1-6). Deus se manifesta visivelmente, o chama pelo nome e lhe confia uma missão: “Vai, pois, e eu te enviarei a Faraó, para fazer sair do Egito o meu povo, os Israelitas” (Ex 3,10). Há uma ligação entre a missão confiada e a tentativa anterior malsucedida: ele deveria libertar Israel das “mãos” do Egito. É o convite ao abandono da sua história pessoal, em favor de uma história universal. Diante da responsabilidade ainda maior, sua experiência negativa o fez reconhecer sua própria incapacidade (Ex 3,11). Temendo não persuadir o povo israelita, ele questionou o nome de Deus, recebendo a resposta: “Eu sou aquele que é” (Ex 3,14). A revelação do nome divino confirma a aliança de Deus com Moisés e os israelitas. A saída do Egito é o cumprimento dessa aliança: a libertação e o início de uma nova vida (Ex 13,17-15,21). Nesse contexto, o nome revelado é a garantia da presença de Deus junto ao povo, guiando-o e protegendo-o.

O nome e a pessoa que é designada estão intimamente ligados, de tal modo que dizer o nome é o mesmo que evocar a presença daquela pessoa. O questionamento do nome divino é uma indagação acerca da essência daquele que fala. Dessa forma, o tetragrama sagrado expressa a transcendência de Deus, ele não está ligado às coisas criadas, mas é o Ser por excelência, ou, ainda, o Ser que dá origem a todos os seres.²² Falar e agir em nome de Deus significava representar o próprio Deus, em certo sentido, era o mesmo que Deus.

A profunda intimidade dessa relação revela que Moisés foi escolhido para ser não apenas amigo de Deus, mas também seu confidente, líder do seu povo e aquele a quem o Senhor se manifestava diretamente, sem uso de figuras ou enigmas (Ex 33,11; Nm 12,7-8). Ao mesmo tempo, o que foi confiado a Moisés por Deus também era confiado e transmitido por ele ao povo (Ex 19,3-8). A eleição e a escolha do povo, por parte de Deus, não eram baseadas em experiências sobrenaturais individuais, mas, sim, na livre e espontânea adesão ao próprio Deus – uma adesão que era facilitada pela experiência particular de Moisés: ele tornou sua amizade pessoal com Deus uma demonstração coletiva da Aliança.²³

2.3 Um outro eu: a amizade entre Jônatas e Davi

²⁰ TENNEY, M. C., Enciclopédia da Bíblia, p. 346.

²¹ TENNEY, M. C., Enciclopédia da Bíblia, p. 346.

²² EDITORIAL., Abba, Pai, p. 301.

²³ AVIZ, D. A., “Não mais servos, mas amigos” (Jo 15,15), p. 37.

A amizade entre Davi e Jônatas é fundamentada na identificação mútua, na semelhança de corações, valores, virtudes e até mesmo de suas vocações. Jônatas era filho do rei Saul, a ele cabia a sucessão do reino de Israel. Porém, seu pai foi rejeitado como rei e destituído do trono por Deus, devido aos seus pecados contra o Senhor (1Sm 15,10-23). Davi era um simples pastor de ovelhas, que foi escolhido e ungido por Deus, através do profeta Samuel, para suceder a Saul no trono (1Sm 16,1-13). Israel estava em guerra contra os filisteus. Davi, com coragem, se colocou a serviço para a batalha e, tendo vencido Golias, o grande guerreiro filisteu, foi levado à presença do rei Saul para uma audiência.

“Aconteceu que, terminando ele de falar com Saul, a alma de Jônatas apegou-se à alma de Davi. E Jônatas começou a amá-lo como a si mesmo” (1Sm 18,1). Jônatas vê a si mesmo em Davi: aquele que, pela natureza, deveria ser rei reconhece aquele que, pela graça, foi constituído rei (1Sm 23,17). Essa relação deve ser pensada a partir de uma perspectiva sobrenatural. A amizade entre os dois não foi apenas um acontecimento puramente natural e corriqueiro, mas manifestação da providência divina, isto é, a união entre os dois foi ação de Deus. Jônatas reconheceu que a graça da unção divina repousava sobre Davi e nele se manifestava (1Sm 16,13b; 18,5).

Outra característica dessa amizade é a união de almas. Uma aliança de amor e paz, selada no pacto firmado entre ambos, num gesto de doação sem medidas: ao doar seu manto, roupa e armadura, Jônatas doa a si mesmo a Davi: são dois, mas uma só alma (1Sm 18,3-4).²⁴ Esse gesto pode, ainda, ser interpretado como um sinal de sua renúncia ao trono. Uma renúncia que não carrega consigo a perda, mas, na verdade, carrega a vitória, pois “a vitória do amigo é sua própria vitória”.²⁵ Unidos pela vontade divina, tornam-se suporte mútuo para a realização pessoal e do chamado divino. Por diversas vezes, Jônatas se coloca em defesa de Davi, salvando-lhe a vida e permitindo que chegue a tomar posse do reino (1Sm 19,1-7; 20,1-42; 23,15-18). Os dois são, portanto, amigos no Amigo por excelência.

3. Perícopo da Amizade em Jo 15,12-17

O Antigo Testamento já valorizava o tesouro que é ter um amigo (Eclo 6,14), porém, mais valioso é ser considerado amigo do Senhor. A perícopo de Jo 15,12-17 é uma passagem rica em significado teológico e exige uma análise minuciosa para compreendermos o que Jesus estava transmitindo aos seus discípulos. Na última Ceia, após a traição de Judas Iscariotes, Jesus proferiu seu discurso de despedida e deixou o mandamento do amor a seus discípulos (Jo 15,12), os quais ele havia escolhido e elegido como amigos. A amizade continua sendo tão vital quanto antes, e a disposição para amar e dar a vida pelos amigos é como um farol que guia o caminhar cristão.

João 15,12-17 (NA ²⁸)	Tradução (Bíblia de Jerusalém)
¹² Αὕτη ἐστὶν ἡ ἐντολὴ ἣ ἐμὴ, ἵνα ἀγαπᾶτε ἀλλήλους καθὼς ἠγάπησα ὑμᾶς.	¹² Este é o meu mandamento : amai -vos uns aos outros como eu vos amei .

²⁴ AVIZ, D. A., “Não mais servos, mas amigos” (Jo 15,15), p. 40.

²⁵ AVIZ, D. A., “Não mais servos, mas amigos” (Jo 15,15), p. 41.

¹³μείζονα ταύτης <u>ἀγάπην</u> οὐδεὶς ἔχει, ἵνα τις τὴν ψυχὴν αὐτοῦ θῇ ὑπὲρ τῶν <u>φίλων</u> αὐτοῦ. ¹⁴Ὑμεῖς <u>φίλοι</u> μου ἐστέ ἐὰν ποιῇτε ἃ ἐγὼ ἐντέλλομαι ὑμῖν.	¹³Ninguém tem maior <u>amor</u> do que aquele que dá a vida por seus <u>AMIGOS</u>. ¹⁴Vós sois meus <u>AMIGOS</u> se praticais o que vos mando.
¹⁵οὐκέτι λέγω ὑμᾶς <u>δοῦλους</u>, ὅτι ὁ <u>δοῦλος</u> οὐκ οἶδεν τί ποιεῖ αὐτοῦ ὁ κύριος· ὑμᾶς δὲ εἶρηκα <u>φίλους</u>, ὅτι πάντα ἃ ἤκουσα παρὰ τοῦ πατρὸς μου ἐγνώρισα ὑμῖν.	¹⁵Já não vos chamo <u>servos</u> porque o <u>servo</u> não sabe o que seu senhor faz; mas vos chamo AMIGOS, porque tudo o que ouvi de meu Pai vos dei a conhecer.
¹⁶οὐχ ὑμεῖς με ἐξελέξασθε, ἀλλ' ἐγὼ ἐξελεξάμην ὑμᾶς καὶ ἔθικα ὑμᾶς ἵνα ὑμεῖς ὑπάγητε καὶ καρπὸν φέρητε καὶ ὁ καρπὸς ὑμῶν μένη, ἵνα ὅ τι ἂν αἰτήσητε τὸν πατέρα ἐν τῷ ὀνόματί μου δῶ ὑμῖν.	¹⁶Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi e vos designei para irdes a produzirdes <u>fruto</u> e para que vosso <u>fruto</u> permanença a fim de que tudo o que pedirdes ao Pai em meu <u>nome</u> ele vos dê.
¹⁷Ταῦτα ἐντέλλομαι ὑμῖν, ἵνα <u>ἀγαπᾶτε</u> ἀλλήλους.	¹⁷Isto vos mando <u>amai</u>-vos uns aos outros.

Fonte: Texto grego de NA²⁸ e tradução Bíblia de Jerusalém; tabela dos autores.

3.1 Análise retórica de João 15,12-17

Os vv.12.17 servem como as molduras da perícopo, permeando a noção de ordem nas palavras, mandamentos e o verbo "mandar", evidenciando uma possível estrutura concêntrica. A segunda camada, vv.13-14.16, introduz a ideia de que aquele que faz a primeira escolha é Jesus, visível nas expressões: "vós sois meus amigos" e "eu vos escolhi". Aqui, a amizade de Jesus com seus discípulos é destacada como um ato de escolha divina. Isso estabelece uma ligação estreita entre a amizade e a eleição divina.

O v.15, dentro do contexto, estabelece uma distinção crucial entre aqueles que são meros servos e aqueles que são considerados amigos de Jesus. Essa distinção é fundamental para compreender a essência da nova aliança e o significado da plenitude da lei, que é o amor (Ro 13,10). O nivelamento de amigo, feito por Jesus, está em contraposição direta à posição de servo. Ao fazê-lo, ele propõe uma relação de igualdade entre os amigos e Ele mesmo. Isso é notável quando Jesus afirma que revelou o que recebeu do Pai aos seus amigos. Essa revelação não é partilhada aos servos, mas é compartilhada com aqueles que desfrutaram do estatuto de amigos de Jesus.

Essa distinção é profundamente significativa, pois aponta para a natureza da relação entre Cristo e seus apóstolos. Enquanto o servo pode obedecer e servir, o amigo é alguém com quem Jesus compartilha seus desígnios, segredos e conhecimento. Essa igualdade na partilha e comunicação reflete o amor e a confiança mútuos que caracterizam a amizade verdadeira e, por

extensão, a relação que Jesus deseja com seus discípulos, que é a forma de igreja primitiva das comunidades joaninas.²⁶

No Novo Testamento, a palavra "amor" é predominantemente traduzida como *agapē* e o verbo correspondente, *agapaō*. Embora essas palavras não tenham significados especiais na *Septuaginta*, elas adquirem um profundo significado teológico no contexto do Novo Testamento. Elas representam o amor sublime de Deus, que possibilita que os seres humanos o experimentem. Esse conceito se diferencia notavelmente de outro termo para o amor, *phileō*, que denota um sentimento de amizade e proximidade, enfatizando a afeição mútua.²⁷

Essa distinção entre *agapē* e *phileō* é evidenciada no Quarto Evangelho, quando João utiliza o termo *philos* para descrever a amizade de Jesus, destacando o vínculo de amizade que estabelece relações de igualdade, em contraste com a figura do "servo" (Jo 15,15). Assim como Cristo se doou por completo, os discípulos também são chamados a se doar por amor, compreendendo a riqueza e a profundidade tanto do amor divino quanto da amizade.

“A comunidade joanina demonstra ter sido uma corrente do cristianismo bastante viva e devota ao Discípulo Amado, a ponto de recolher seus escritos e de seguir caminhando ao redor da pessoa de João e da mensagem dos escritos joaninos, que enfatizavam fortemente a amizade e o amor”.²⁸ Similarmente, Paulo também enfatizou a amizade em sua Carta aos Gálatas, optando pela ternura ao lidar com seus seguidores, evitando confrontações desnecessárias. Ele reconheceu o apoio de seus irmãos, oferecendo o que tinham de mais valioso, refletindo a ênfase na amizade do Evangelho de João, que valoriza relacionamentos estáveis e fiéis ao longo do tempo.²⁹

Para obter uma compreensão mais profunda, é relevante voltar ao Antigo Testamento para examinar as nuances dos termos "servos", "amigos" e o conceito de "escolha". No contexto do Antigo Testamento, o servo é aquele que demonstra fidelidade e obediência a Deus, recebendo revelações divinas. “O Prólogo já tendo assinalado uma comparação entre Moisés, por quem veio a lei, e Jesus, por quem vem a graça e a verdade (Jo 1,17), e já tendo sido anunciada a substituição da Antiga Aliança pela Nova Aliança”.³⁰ Esta caracterização pode ser interpretada em paralelo com a escolha de Deus pelo povo de Israel, mencionada em Dt 7,6.

No Quarto Evangelho, Jesus esclarece que Ele mesmo convocou e selecionou seus discípulos, alinhando-se com esse padrão de escolha divina com a antiga promessa. Por conseguinte, a análise desses termos e exemplos à luz do Antigo Testamento contribui para uma compreensão mais profunda das relações e escolhas divinas. Isso não somente enriquece a percepção dos papéis desempenhados por servos, amigos e a noção de escolha, mas também destaca como esses conceitos interagem e se entrelaçam na teologia cristã e nas narrativas bíblicas do sentido amizade.

4. O sentido da amizade no paradigma da teologia cristã

Os seres humanos, em sua constituição, são dotados da capacidade de sociabilidade, isto é, são propensos a se relacionarem uns com os outros. A própria ordem natural querida por Deus

²⁶ GONZAGA, W., A acolhida e o lugar do Corpus Joanino no cânon do Novo Testamento, p. 686-687.

²⁷ GONZAGA, W.; BELÉM, D. F., A vida segundo o Cristo compassivo e misericordioso, p. 135.

²⁸ GONZAGA, W., A acolhida e o lugar do Corpus Joanino no cânon do Novo Testamento, p. 687.

²⁹ GONZAGA, W., O Evangelho da ternura e a solidariedade de Gl 4, 8-20, p. 63.

³⁰ GONZAGA; MIRANDA., A Nova Aliança e o Novo Templo a partir de Jo 2, 1-22, p. 152.

conduz a esse fim, seja para procriação ou para um companheirismo. Por força dessa capacidade humana a amizade é possível, ou melhor, é uma consequência inevitável. Assim, buscar a visão que alguns teólogos da Igreja tiveram sobre a amizade permite a compreensão e apropriação daquilo que constitui a novidade genuinamente cristã.

Comumente, nas reflexões teológicas, a amizade tem o sentido de um amor que transcende a natureza humana e se aproxima do amor divino. Na verdade, o amor divino faz com que a relação humana da amizade progrida e atinja sua plenitude. Nesse horizonte, a definição aristotélico-ciceroniana sobre amizade, que perpassa a reflexão patrística, auxilia a compreensão da natureza desse relacionamento: a amizade é como um acordo benevolente e caritativo sobre assuntos divinos e humanos.³¹ Essa definição está relacionada com a ideia de consentimento e escolha, pois sugere que a amizade é um vínculo construído e mantido por duas ou mais pessoas que se escolhem mutuamente, com a expectativa de que a relação seja benéfica para os envolvidos. Aspectos como confiança e confidencialidade reforçam essa ideia: o amigo é aquele a quem primeiramente se revela os segredos.

Nessa íntima relação, ao compartilhar experiências com todas as facetas com o outro, seja de luz ou sombras, cria-se uma comunhão de vida. A amizade se torna um campo onde se realiza a doação e o sacrifício de si mesmo ao amigo. Nas palavras de Tomás: “o amor de amizade, porém quer o bem do amigo, e por isso quando é intenso leva a nos insurgir contra tudo o que repugna ao bem do amigo. E neste sentido dizemos que zela pelo amigo quem se esforça por repelir o que se diz ou faz contra o bem do mesmo”.³² Destaca-se, com isso, o caráter de defesa, suporte e apoio mútuo próprios da amizade.

Entretanto, a amizade chegou a ser vista como algo a se evitar, principalmente, em círculos religiosos onde a solidão era desejada como expressão da vida de perfeição. Deveria se evitar o cultivo de afeições ou amizades específicas, uma vez que isso pode preencher o coração, desviar a mente e dar origem à inveja. Contudo, isso não se aplica a todas as pessoas, mas apenas aquelas que escolheram tal caminho de perfeição. Para aqueles que vivem no mundo, a união por meio da amizade é necessária. Percebe-se que, nos diferentes contextos da vida, os relacionamentos terão formas diferentes, mesmo se relacionados à religião. Ainda, algo importante a se notar é que a amizade pode conduzir as coisas terrenas, onde a relação e os amigos são fins em si mesmos, ou, pela aquisição das virtudes, tendo em vista as coisas do alto, conduzir a Deus.

A amizade verdadeira é como uma ligação significativa entre o humano e o divino, desempenhando um papel essencial na vida das pessoas. Conforme Jo 15,13: “ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos”, a amizade autêntica é uma expressão sublime do amor-amizade (*philia*) entre os seres humanos. No entanto, o amor divino (*agape*) desempenha um papel fundamental no aperfeiçoamento da amizade. É através da manifestação do amor incondicional de Deus que a amizade é elevada a um nível mais profundo, capacitando os amigos a amarem uns aos outros com um amor que transcende as fronteiras do humano e se assemelha ao amor divino e sacrificial.

Ainda, a amizade verdadeira não é apenas um vínculo casual ou uma escolha pessoal cuidadosamente feita nos eventos cotidianos, infortúnios e coincidências da vida, mas uma intervenção providencial de Deus, que orienta os amigos uns em direção aos outros. A escolha

³¹ AGOSTINHO, Contra os acadêmicos, p. 59.

³² ST I, III, q. 28, a. 4.

mútua é permeada pela convicção de que Deus age propositalmente, selecionando e unindo esses amigos uns aos outros para um propósito divino superior. Assim, a amizade verdadeira é enriquecida e aperfeiçoada pelo amor divino, que ilumina e fortalece o compromisso humano com a virtude e o bem-estar mútuo.

5. Reflexões sobre as implicações da amizade cristã

No contexto do surgimento das primeiras comunidades cristãs, as relações interpessoais entre os romanos se desenvolviam no eixo do patronato, que consistia numa mecanização social de troca de favores entre o patrono e o cliente.³³ Para o romano, o apadrinhamento político servia meramente ao propósito de interesse mútuo. Assim, a estrutura social vigente determinava relações de amizade destituídas de sentimentos.

O emprego da palavra “amizade” no cristianismo foi creditado do vocabulário aristotélico-ciceroniano.³⁴ Das quatro palavras gregas para designar o “amor”, a saber, *eran*, *stergin*, *philein* e *agapan*, as duas últimas são privilegiadas no Novo Testamento, mas invertem-se em hierarquia. Para Aristóteles, *philia* designava o amor de amizade afetuosa e recíproca entre dois, sendo mais importante que *agape*, que, no cristianismo, foi colocada no plano relacional do ser humano com Deus. Quando o autor sagrado escreve em Jo 15,13-14 que Jesus disse “*philia*” para os apóstolos, é no sentido de obediência: amem-me e amem uns aos outros.³⁵ Assim, o conceito cristão de “amizade” passou a ser conjugado com a palavra “amor” em um plano de relações fraternais comunitárias.

Para os primeiros cristãos, conjugar a amizade com o amor significava seguir o exemplo de amizade de Jesus. Cristo se esvaziou de sua divindade, de modo que “para os cristãos, a amizade [agora] nasce do mistério fecundo de uma Aliança de amor entre Deus e a primícia de sua criação [...]”.³⁶ Com isso, incorre que a amizade *philia* cristã não estava enquadrada no plano do sistema de trocas de favores romanos, nem era colocada acima do valor do amor *agape*, mas passou a estar disposta em favor desta. A amizade se transforma em categoria religiosa, onde o maior bem dos amigos é se reconhecerem como filhos de Deus, que os ama e deseja o amor entre eles.

Dotados da amizade intermediada por Cristo, as comunidades cristãs desenvolveram uma práxis espiritual própria, que seguia o exemplo do mestre.³⁷ Esse modelo de fé unia toda a comunidade em todos as suas dimensões. Para eles, a única vantagem da amizade *philia*, orientada em última análise para a verticalidade de *agape*, era amar e sentir-se amado por Cristo.³⁸ Para Aviz, isso se explica pelo fato de que, no cristianismo “a autêntica amizade floresce do desejo profundo de ser acolhido e compreendido em sua dignidade, pois todo homem tem o anseio basilar de ser amado, afinal, o que saberíamos do amor se não tivéssemos sido amados primeiro?”.³⁹

³³ MEDEIROS, J. B. N., Uma análise das relações de amizade como um elemento norteador das comunidades primitivas a partir de João 15, p. 14.

³⁴ ORTEGA, F., Genealogias da amizade, p. 57.

³⁵ ORTEGA, F., Genealogias da amizade, p. 59.

³⁶ AVIZ, D., Uma alma em dois corpos, p. 115.

³⁷ MEDEIROS, J. B. N., Uma análise [...], p. 107.

³⁸ MEDEIROS, J. B. N., Uma análise [...], p. 88.

³⁹ AVIZ, D., Uma alma em dois corpos, p. 102.

O legado do cristianismo para o ocidente foi a infusão de uma sensibilidade empírica, capaz de mobilizar as pessoas entre si em dimensões afetivas, cognitivas, volitivas e compassivas. Surge assim uma forma inédita de amar. Como Jesus não deixou nada escrito, entre os membros das primeiras comunidades, incorreu uma identificação entre os ditos de Cristo e seus transmissores, que determinavam as relações internas, indo além do costume derivado da Lei mosaica.⁴⁰ Entre eles, amor e amizade davam sentido à dor e o sofrimento do martírio, conferindo-lhe significado, pois “aí onde o ser humano, cada pessoa singularmente considerada, jaz na sombra da morte [...] Jesus Cristo, o Redentor, garante a certeza do êxito para além de toda a degradação ou aniquilação”.⁴¹

A amizade herdada dos exemplos de compromisso do princípio do cristianismo não prescinde das diferenças entre as pessoas. Por isso mesmo, mais do que um conceito, a amizade é uma experiência de humanização, de aceitar o outro na sua fragilidade. Para além do amparo, significa acolher o outro pelo reconhecimento de que ele também é filho de Deus, o que ultrapassa uma perspectiva instrumental. Para Lima, entre as comunidades cristãs do primeiro século, esse movimento não implicava suprimir o sofrimento, mas resignificá-lo.⁴²

Assim, quem se sente amado por Deus se torna amável, pois se enche d’Ele, que é amor, e transborda para o outro na práxis espiritual. Disso, incorre a aceitação das diferenças e reconhecimento de que são os contrastes que fazem a beleza da singularidade das pessoas. Os amigos tornam-se capazes de transformar o pluralismo em unidade, o que é diferente de mera uniformidade superficial, que suplantaria a subjetividade de cada um. Desse modo, como entendia Aristóteles, essa forma de amizade torna-se uma virtude que lhes permite crescer juntos, aperfeiçoando-se em suas capacidades particulares.⁴³

No princípio da fé os cristãos passaram por perseguições que punham à prova a lealdade entre os amigos. Hoje, existem novos obstáculos ao estabelecimento de amizades sinceras. Na contemporaneidade, o antropocentrismo desordenado mina gradativamente as relações interpessoais, lançando o ser humano para distanciamento do outro. Com o advento das redes sociais, as relações tornaram-se instantâneas, de modo que com a mesma velocidade que se conecta com outra pessoa, rapidamente desconecta-se. As relações tornam-se superficiais e a amizade é diluída num montante impessoal de onde se retira doses momentâneas do prazer de ser visto. Paradoxalmente, quanto mais cercado por números na tela, menor a qualidade das amizades, e mais sozinho o indivíduo se sente.⁴⁴

Segundo Aviz, a solução para a problemática da intersubjetividade não deve ser buscada no aspecto relacional humanista racionalista.⁴⁵ A resposta modernista é limitada a mero trato superficial, com as pessoas vivendo juntas, mas não estando unidas. O racionalismo é, por si mesmo, desprovido de afetividade, que conduz ao descompromisso quando não se encontra a reciprocidade do outro.⁴⁶ Para Matute, a amizade cristã bem entendida não se reduz ao formalismo da simples boa educação cortesã, mas implica amar o outro.⁴⁷ Entre os primeiros

⁴⁰ MEDEIROS, J. B. N., Uma análise [...], p. 89.

⁴¹ LIMA, A. C. T., Sobre a amizade e o amor na Sagrada Escritura, p. 20.

⁴² LIMA, A. C. T., Sobre a amizade e o amor na Sagrada Escritura, p. 18.

⁴³ AVIZ, D., Uma alma em dois corpos, p. 115.

⁴⁴ AVIZ, D., Uma alma em dois corpos, p. 109.

⁴⁵ AVIZ, D., Uma alma em dois corpos, p. 108.

⁴⁶ AVIZ, D., Uma alma em dois corpos, p. 108.

⁴⁷ MATUTE, A. C., Chamei-vos Amigos, sem p.

cristãos, amizade era primeiramente amizade com o outro de Cristo, que significava continuar a sua obra missionária. Na comunidade, o ethos era o compromisso, para o qual o amor mútuo era analógico ao do Pai para com o Filho na Trindade Santa.⁴⁸ Seu entendimento era de que isso só era possível pela ação do Espírito entre eles, que os movia a ir além da mensagem querigmática proclamada, testemunhando com a vida o amor redentor.⁴⁹

Para Bento XVI, “de natureza espiritual, a criatura humana realiza-se nas relações interpessoais: quanto mais se vive de forma autêntica, tanto mais amadurece a própria identidade pessoal. Não é isolando-se que o homem se valoriza a si mesmo, mas relacionando-se com os outros.”⁵⁰ Em consonância, o Papa Francisco ensina que “a abertura a um “tu” capaz de conhecer, amar e dialogar continua a ser a grande nobreza da pessoa humana”.⁵¹ O ser humano nasceu, à exemplo do cristianismo originário, para o encontro, movimento do Espírito e amizade com Cristo. Reflete-se com João Crisóstomo que “se o mero facto de sermos da mesma cidade basta para que muitos se tornem amigos, qual terá que ser o amor entre nós, que temos a mesma casa, a mesma mesa, o mesmo caminho, a mesma porta, idêntica vida, idêntica cabeça; o mesmo pastor e rei e mestre e juiz e Criador e Pai?”⁵² Em última análise, vale ponderar que “a amizade é sutil, não há fórmulas”⁵³, mas o desejo profundo de se tornar fraternidade. Não existem respostas prontas e nem fáceis, mas o profundo desejo do encontro, como exorta o Sumo Pontífice, com a caridade e a paciência para a construção de uma sólida amizade cristã, que carrega com sigilo a mensagem e o testemunho da salvação.

Conclusão

À luz da passagem do Quarto Evangelho (Jo 15,12-17), que reflete a essência da amizade divina, pode-se reafirmar que a amizade na concepção semítica é uma relação interpessoal baseada em princípios éticos e legais. No Evangelho, Jesus explicita a importância da amizade ao afirmar: “Este é o meu mandamento: amai-vos uns aos outros, como eu vos amei” (Jo 15,12). Essa premissa fundamenta a natureza da amizade, onde o fiel se compromete a agir com solicitude para com seu semelhante, numa igualdade que reflete a visão de todos como obras de um mesmo Criador. Assim, os indivíduos colaboram mutuamente na jornada em direção a Deus.

Se distanciando de outras culturas que não viam como possibilidade a amizade com a divindade, o judaísmo, e por consequência o cristianismo, assume isso como uma realidade possível e fundamental. O próprio Deus ao se revelar propõe à humanidade o cultivo de uma relação de intimidade mediante uma aliança. Por ser um acordo ritual e solene, ele cria laços que se assemelham aos de parentesco.

Nos modelos de amizade veterotestamentárias podemos encontrar os fundamentos da amizade com Deus: a fé, a confiança e a fidelidade. É uma relação que começa com uma escolha, se manifesta por meio de um chamado e perdura graças a uma promessa. O ponto fulcral dessa relação é o abandono de uma história pessoal, individual, para aceitar uma história universal projetada por Deus. Nesse sentido, percebeu-se no Quarto Evangelho que Jesus, Deus encarnado,

⁴⁸ MEDEIROS, J. B. N., Uma análise [...], p. 106.

⁴⁹ MEDEIROS, J. B. N., Uma análise [...], p. 105.

⁵⁰ BENTO XVI, Carta encíclica *Caritas in Veritate*, n. 53.

⁵¹ FRANCISCO, Carta encíclica *Laudato Si'*, n. 119.

⁵² JOÃO CRISÓSTOMO, em *Mat. hom.* 32, 7.

⁵³ AVIZ, D., Uma alma em dois corpos, p. 114.

faz o chamado aos seus discípulos para abandonarem sua história pessoal e viverem unidos na realização do projeto salvífico de Deus, alicerçado na lei do amor, que se revela como sacrifício e doação ao outro, isto é, ao amigo.

Ainda, outra característica destacada acerca da amizade divina é a presença e ação de Deus junto ao povo, através daqueles que ele escolheu para sua intimidade. À exemplo de Moisés, a quem Deus se confiava e se manifestava abertamente, os discípulos amigos são aqueles que primeiramente recebem “tudo o que ouvi de meu pai” e são convidados a transmitir a todos os povos e nações os frutos que foram designados a produzir (Mt 28,19-20; Mc 16, 15-18.20; Jo 20,21). Aqueles que acolhem as palavras dos apóstolos e seguem seus passos participam nas promessas de Cristo.

Davi, escolhido e ungido por Deus para reunir e conduzir seu povo, é prefiguração de Cristo, em quem deveria ser reunido todo o povo de Deus (Jo 12,32). Vê-se no Cristo o homem e o modelo perfeito para todos. Ao propor sua amizade aos seus discípulos, intenta transformá-los nele, o perfeito cumpridor da vontade do Pai, a fim de que eles O glorificassem perfeitamente, pois “seus amigos lhe serão semelhantes” (Ecl 6,17). É nessa relação de amizade que Cristo realiza a doação de si, de corpo e sangue, de seus bens, suas vestes, sua realeza, de sua vida divina, fazendo que seus amigos participem de sua herança – a posse do reino celeste (Mt 26,26-28; Jo 15,15; 17,22; Ap 3,4-5; 6,11; 7,9.14b; 14,1;). Com seu mandamento de amor, Jesus não está dizendo que a amizade com ele depende estritamente da obediência aos seus mandamentos, como se fosse uma condição rígida e imposta. Em vez disso, está enfatizando que o amor deles um pelo outro é um sinal de que eles são seus amigos (Jo 13,34-35). Pois, “aquele que ama a Deus, ame também o seu irmão” (1Jo 4,20). Amar o próximo é sinal concreto e visível da amizade com Deus.

Constatou-se, também, que as reflexões teológicas sobre a amizade no interior do cristianismo apresentavam duas vertentes, uma voltada para o ascetismo, e outra para a vida secular. Na primeira, a amizade entre as pessoas deveria ser comedida, pois poderia atrapalhar o progresso na vida de perfeição. Já na segunda, a amizade tornava-se algo essencial, mas uma amizade verdadeira onde a aquisição das virtudes era o caminho para Deus, e onde os amigos uniam-se numa comunhão de vida.

A amizade cristã, portanto, é mais que um conceito, é uma experiência humanizadora capaz de transformar o pluralismo em unidade, por meio da ação do Espírito Santo, que une a todos para continuar a obra missionária de Jesus: “Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi e vos designei para irdes a produzirdes fruto e para que vosso fruto permaneça” (Jo 15,16).

Referências Bibliográficas

AGOSTINHO. *Contra os acadêmicos; A ordem; A grandeza da alma; O mestre*. São Paulo: Paulus, 2014. (Coleção Patrística, 24).

AVIZ, Darlan Aurélio de. “**Não mais servos, mas amigos**” (Jo 15,15): uma abordagem teológica da amizade à luz do mistério de Cristo. Rio de Janeiro, 2022. 285p. Tese. Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

AVIZ, Darlan Aurélio de. “**Uma alma em dois corpos**”: a amizade cristã como processo de humanização e manifestação do amor de Deus na Oração 43, 14-24 de São Gregório de Nazianzo.

Rio de Janeiro, 2017. 129 p. Dissertação. Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

BAUER, Johannes B. Aliança. In: BAUER, Johannes B. **Dicionário de teologia bíblica**. São Paulo: Edições Loyola, 1984. p. 28-36. v. I.

BENTO XVI, PP. **Carta encíclica Caritas in veritate**: Encíclica sobre o desenvolvimento humano integral no contexto da economia globalizada. Vaticano: Sala de Imprensa da Santa Sé, 2009.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 17. impr. São Paulo: Paulus, 2022.

CHARLES, Robert Henry. **O livro dos jubileus**. Luiz Fernando dos Santos Prado (Tradutor). 2012. Disponível em: <[https://www.autoresespiritasclassicos.com/Evangelhos%20Apocrifos/Apocrifos/1/O%20Livro%20dos%20Jubileus%20\(Texto%20Et%C3%ADDope%20-%20Completo\).pdf](https://www.autoresespiritasclassicos.com/Evangelhos%20Apocrifos/Apocrifos/1/O%20Livro%20dos%20Jubileus%20(Texto%20Et%C3%ADDope%20-%20Completo).pdf)>. Acesso em: 7 set 2023.

DAVIDSON, William. Shabbat in: **Talmud**. 2023. Disponível em: <<https://www.sefaria.org/Shabbat.31a.6?lang=bi>>. Acesso em: 7 set 2023.

EDITORIAL. Abba, Pai: o nome singular. **Perspectiva Teológica**, [S. l.], v.31, n.85, p. 301, 1999. Disponível em: <<https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/666>>. Acesso em: 12 set. 2023.

FINE, Lawrence. **Studying friendship in jewish history, religion, and culture**. State College: Penn State University Press, 2021.

FRANCISCO, PP. **Laudato Si'**: Carta Encíclica sobre o cuidado da casa comum. Vaticano: Sala de Imprensa da Santa Sé, 2015.

GONZAGA, Waldecir. A acolhida e o lugar do Corpus Joanino no cânon do Novo Testamento. **Perspectiva Teológica**, v.52, n.3, p. 681-704, 2020. Doi: <<https://doi.org/10.20911/21768757v52n3p681/2020>>. Acesso em: 12 set. 2023.

GONZAGA, Waldecir. O Evangelho da ternura e a solidariedade de Gl 4, 8-20. **Ribla**, v.76, n.3, p. 61-86, 2017. Doi: <<https://doi.org/10.15603/1676-3394/ribla.v76n3p61-86>>. Acesso em: 12 set. 2023.

GONZAGA, Waldecir; BELEM, Doaldo Ferreira. A vida segundo o Cristo compassivo e misericordioso. **Estudos Bíblicos**, São Paulo, v.37, n.143, p. 127-143, 2021. Doi: <<https://doi.org/10.54260/eb.v37i143.13>>. Acesso em: 12 set. 2023.

GONZAGA, Waldecir; MIRANDA, Bruno Guimarães. Jesus, a Nova Aliança e o Novo Templo a partir de Jo 2, 1-22. **ReBiblica**, v.4, n.7, p. 131-168, 2023. Doi: <<https://doi.org/10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2023v4n7p131>>. Acesso em: 12 set. 2023.

GOTTSTEIN, Alon Goshen. Understanding jewish friendship, extending friendship beyond judaism. **Elijah Interfaith Institute**, 2020. Disponível em: <<https://elijah-interfaith.org/sharing->

wisdom/ understanding-jewish-friendship-extending-friendship-beyond-judaism>. Acesso em: 7 set 2023.

HERTZBERG, Arthur. **Judaísmo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.

JOÃO CRISÓSTOMO. Homily 32 on Matthew. In: SCHAFF, P. (Ed.). **Nicene and post-nicene fathers, first series**. Virginia: New Advent, 2023. Disponível em: <<https://www.newadvent.org/fathers/200132.htm>>. Acesso em: 2 out. 2023.

JUNGES, José Roque. **Evento Cristo e ação humana: temas fundamentais da ética teológica**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.

LIMA, Antônio Carneiro Torres. Sobre a amizade e o amor na Sagrada Escritura: quando a intersubjetividade teológica inquieta e questiona o agir humano e cristão. **Revista de Cultura Teológica**, v.15, n.58, p. 9-28, jan./mar. 2007.

MATUTE, Andreas Cardenas. (Ed.). **Chamei-vos amigos: a amizade um dom de Deus para iluminar a terra**. Gabinete de Informação do Opus Dei, Roma, 2020. Disponível em: <<https://opusdei.org/pt-br/article/chamei-vos-amigos-5-vejam-que-bons-amigos/>>. Acesso em: 2 out. 2023.

MCKENZIE, John Lawrence. **Dicionário bíblico**. São Paulo: Paulus, 1984.

MEDEIROS, João Batista Nunes de. **Uma análise das relações de amizade como um elemento norteador das comunidades primitivas a partir de João 15**. São Bernardo do Campo, 2020. 121 p. Dissertação. Faculdade de Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo.

NESTLE-ALAND (Eds.). **Novum Testamentum Graece**. XXVIII ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

ORTEGA, Francisco. **Genealogias da amizade**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

PIRKEI AVOT. Bruno M. dos Anjos M. Albano (Tradutor). **Sefaria**, 2023. Disponível em: <https://www.sefaria.org/Pirkei_Avot.1?lang=bi>. Acesso em: 7 set 2023.

RATZINGER, Joseph. **Fe y futuro**. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1973.

TENNEY, Merrill Chapin. (Org.). **Enciclopédia da Bíblia**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

TOMÁS de Aquino. **Suma Teológica**: a bem-aventurança, os atos humanos, as paixões da alma: I seção da III parte, questões 1-48. São Paulo: Loyola, 2003. v. 3.



ISSN 2596-2922

DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.TeoP.2763-9762.2025v5n9a05

Henrique Ávila de Souza

Graduando em Teologia pela União das Faculdades Católicas de Mato Grosso

Várzea Grande / MT

Email: henrique.souza@catolicamt.com.br

Kaio Vinicius Giertyas

Graduando em Teologia pela União das Faculdades Católicas de Mato Grosso

Várzea Grande / MT

Email: kaio.giertyas@catolicamt.com.br

Walin José de Paula

Graduando em Teologia pela União das Faculdades Católicas de Mato Grosso

Várzea Grande / MT

78116-154

Email: walin.paula@catolicamt.com.br

Recebido em 04/12/2023

Aprovado em 21/07/2025